

Análise crítica do livro: JONES, Matyn L- Pregação e pregadores, Editora Fiel.

Análise por: Dárcio Gonçalves.

Nesse grande livro o Dr Jones nos ensina que a pregação é uma obra elevada, é uma grande vocação e glória aos comissionados a ela. A pregação fiel é a maior necessidade do mundo, segundo Jones. Quando ele escreveu isso a décadas atrás (pois pregou essas mensagens na década de 40), isso já era uma realidade, e com o tempo isso se agravou sobre maneira. Jones defende que a perda da confiança na autoridade das Escrituras trouxe a igreja a essa decadência na pregação. Além disso há uma mentira no meio da Igreja, que não devemos pregar, devemos viver entre eles e mostrar a diferença e muitos serão salvos dessa maneira. Isso não é verdade, Jesus não só viveu entre os homens, Ele pregou a eles. Jones mostra que Jesus enfatizava mais a pregação do que os milagres, e os apóstolos também. Acredito como Jones, a doença no púlpito é a doença da Igreja, os grandes momentos da Igreja foram os grandes momentos onde a pregação da palavra de Deus foi levada a sério e como prioridade. Jones apresenta que a função da pregação é mostrar a realidade ao homem, que ele é caído e rebelde a Deus. Se a base não for essa, a pregação não terá efeito, essa é a verdade. Quando a Escritura é pregada fielmente, a Igreja é um bálsamo para a humanidade, causa profundas mudanças, isso é visto na reforma protestante. O homem não mudou e nem Deus, Deus fala através dos seus servos que pregam as Escrituras fielmente.

Jones mostra que muitos querem só que venhamos a debater e conversar sobre Deus, e a pregação. Mas, ele defende que Deus não é motivo para debate, Ele precisa ser proclamado e não debatido. Concordo com Jones, pois muitos debates sobre Deus existem hoje, em igrejas que se afastaram de Deus. Outra mentira é dizer que as pessoas não querem ouvir pregações. Por toda a história a pregação foi atacada, mas, quando pregada genuinamente tem causado transformação por toda a história. O pregador é o porta voz de Deus, está ali de pé para anunciar a verdade. A pregação não é debate, nem filosofia, nem acontecimentos semanais, nada disso, ela é a mensagem de Deus para os homens. Eu particularmente gosto dessa maneira do Dr. Jones, de dizer o que algo não é, para depois dizer o que algo é, vejo isso nos outros livros dele também.

Jones ensina e defende que a pregação unicamente evangelística é inadequada, mas pregação sem evangelismo também é inadequada. A preocupação deve ser entregar todo o conselho de Deus, toda pregação deve ser teológica. Como mostrar ao homem que há necessidade de Cristo, sem mostrar a queda dele? Sim, toda

pregação é teológica e tem o evangelho. Jones sabiamente mostra a diferença de palestra e pregação, muito do que é chamado hoje de pregação é uma palestra de auto-ajuda, que alguém pegou um texto só para apoiar sua fala, Deus nos livre desse pecado. A palavra deve ser pregada ousadamente e veremos o poder de Deus. Todas as faculdades do pregador estão envolvidas na pregação, o pregador deve ser guiado pela inspiração do Espírito. A seriedade é algo valioso na pregação, não pode ser tratado com superficialidade. O pregador deve ser vivido e sério ao mesmo tempo, o argumento de Jones, é que a pregação fala de vida ou morte eterna, não há nada de monotono nisso. O pregador deve mostrar zelo e amor pela palavra pregada, o senso de urgência é necessário na pregação. Assim como deve se ter empatia na pregação, amar os que estão ouvindo. E Jones dá a sua grande conclusão do que é pregação: a lógica pegando fogo, é o raciocínio eloquente, é a teologia em chamas.

Jones toca em outro assunto importante para nosso tempo, quem deve pregar? A resposta é simples, quem foi chamado por Deus para fazer. Mas o que fazer quando pessoas acham que foram chamadas? A igreja deve analisar. Muitos acham que foram chamados para pregar e não foram, essa é a verdade. Em um pregador deve ser avaliado a inteligência, e a habilidade natural que ele possui. Para ser um pregador, um homem precisa manejar bem a palavra, ele precisa estar apto para ensinar, óbvio que isso exige inteligência e habilidade da pessoa. Pregadores não são fabricados, nascem feitos por Deus, não temos o poder de criar. Um pregador jovem deve ouvir outros pregadores para aprender, mas isso não é capaz de formar um pregador se ele não tiver sido escolhido por Deus para isso.

Jones mostra que muitos tem sido controlados pelos ouvintes e não pela palavra. A mensagem não deve ser intelectualizada, de maneira que os mais simples não entendam, pelo contrário, os simples devem entender bem, e quem se achar muito culto para uma pregação simples que procure outro lugar. Jones está falando de simplicidade e não em ser raso, alguns se dizem simples, mas são rasos, falam por 1 hora o que não interessa. As palavras que as pessoas não estão habituadas mais, como glorificação por exemplo deve ser ensinada.

Um dos erros da nossa pregação é nos basearmos que todos são crentes, isso é um erro. Há muitos que pensam que são cristãos, e o evangelho pode ser pregado a todos, até ao cristão genuíno, pois o cristão será abençoado. O cristão que não quer ouvir o evangelho não é cristão. Nosso maior desafio é restaurar a autoridade do púlpito.

O preparo do pregador é defendido por Jones, as manhãs do pregador devem ser guardadas para o estudo e oração, a leitura da bíblia e de bons livros, se oramos e lemos a bíblia só para pregar estamos em grande erro, diz Jones. Ele deve orar, ler a bíblia e bons livros para seu próprio bem e não só para pregar.

Jones também defende a liberdade de pregação, que não deve se preparar meses antes o que pregará, pois isso seria falta de liberdade, nesse momento não concordo tanto com Jones muitos dos grandes pregadores passaram anos pregando sobre um livro, o próprio Jones fez isso em seu púlpito. O que concordo é que deve ser flexível para que se houver necessidade possa interromper uma série de sermões. O pregador deve ser honesto com o texto e não força-lo para o que deseja. Jones ensina que regras absolutas para fazer um sermão não é adequado, alguns se sentem a vontade escrevendo tudo que vão dizer, outros escrevem menos, e isso deve ser respeitado pois somos diferentes uns dos outros. Ele nos exorta a preparar o sermão com afinco, mas não esqueça que não é para nós mesmo que preparamos o sermão, e nossos ouvintes são mistos.

Jones nos alerta sobre saber usar ilustrações, ele acredita que livros de ilustrações não são bem vindos. Eu, como ele, acho mecânico mesmo, é a verdade que deve ser anunciada e não ilustrações, elas só tem lugar para deixar claro o texto, se ela for o momento principal não estamos pregando genuinamente. O humor pode ser utilizado com cuidado, mas não que devemos treinar para ser engraçados, isso é uma aberração para Jones e hoje vivemos dias assim. Jones exorta para o cuidado de o anúncio do tema, não servir para intelectualismo e as pessoas acharem que vem discutir um problema e não ouvir a verdade. A respeito de mensagens gravadas para o rádio e para televisão, a objeção de Jones é que esse método moderno controla amplamente a mensagem visto que o rádio e TV tem o tempo determinado, sendo assim, o pregador fica algemado ao limite do tempo e luta contra a liberdade do espírito. Jones tinha uma questão de liberdade no tempo, acho que o pregador deve ter cuidado em não se demorar, mas ter um pouco de liberdade é bom. O profissionalismo de púlpito deve ser combatido, imitação de performances de outros é mal sinal, deve se evitar a exibição de conhecimento. Jones fala de algumas tentações dos pregadores, como criar um personagem no púlpito, ou ser orgulhoso demais de algo da sua pregação, isso será fatal, não se deve mudar o tom de voz para parecer espiritual isso é atuar e não pregar.

A música no culto deve estar a cuidado do pregador, os hinos são servos e não o principal. Jones alerta contra o apelo, e isso foi importante para mim quando li em 2013 esse livro pela primeira vez, eu fazia apelo sempre, forçava, pois fui ensinado assim. Em 2015, persuadido pela verdade que Jones ensinou eu parei com essa prática, o povo demora a se desligar desse misticismo, mas graças a Deus hoje não preciso fazer mais. O tom de confrontação deve ser o tom do sermão todo e não só do apelo. Jones defende o direito de pregar o mesmo sermão a outra platéia, eu concordo com ele, não vejo dano ao corpo de Cristo desde que isso, não seja preguiça de preparar outro sermão. No entanto, não há nada comparável ao que o pregador sente quando se dirige ao público com um novo sermão a cada domingo,

especialmente quando sente que leva uma mensagem da parte de Deus e anela por comunicá-la ao povo. Isso é algo que ninguém pode descrever, pode-se sentir muito prazer pregando em outros lugares, mas essa experiência especial que resulta do relacionamento entre empregador e seu povo, que resulta da preparação do pregador e de vários outros fatores é algo peculiar ao ministério regular em uma única igreja esse é o romance da pregação. A pregação é nosso momento mais elevado então façamos e vivamos de acordo com isso.

O ápice da pregação é a atuação do Espírito e não nós mesmos, e nem nossa eloquência. Ser canal do Espírito é nossa glória nessa vida, a pregação genuína evidencia o poder de Deus e não dos homens. Se tudo dependesse de nós homens, estaríamos fadados ao fracasso e todos iriam ao inferno. A ação do Espírito que transforma tudo e transforma pecadores em santos, sem essa ação divina a pregação não cumpre seu propósito, por melhor que humanamente tenha sido preparada. E, se dependemos do poder de Deus, Ele deve ser buscado em oração a Deus. O pregador deve buscar, buscar e buscar sempre, e esperar até que algo aconteça. O pregador deve sempre esperar que algo aconteça quando se levanta para pregar no púlpito, e não simplesmente pensar que preparou um sermão e irá apresentá-lo. Quando o pregador vai pregar ele deve ir pensando que os ouvintes terão experiências maravilhosas, transformadoras, cruciais, esse é o alvo da pregação. Buscar este poder, esperar a manifestação desse poder, anelar por este poder, e quando ele vier, submeter-se a esse poder, não lhe oferecer resistência alguma.

Por fim professor, esse livro eu li em 2013, e foi minha porta de entrada a teologia reformada. Fui aprendendo, retornar a lê-lo mais de 6 anos depois foi uma alegria, ver que saí da palestra e comecei a pregar. Mas o caminho é longo ainda para mim. Eu particularmente concordo com quase tudo que Jones fala, acho que esse livro que ele pregou nos anos 40, é uma preciosidade dada a nós, e devemos realmente seguir suas exortações para que Deus seja engradecido e o homem humilhado. Diferente do que vemos hoje, o homem engradecido mas a caminho do inferno. Uma obra feita por um grande pregador como Jones já seria algo muito bom, mas creio que Deus usa esse livro para nos abrir os olhos para nossa santa vocação de pregador. Que Deus seja louvado.

